

UM BELO LEGADO NO HORIZONTE?

O JORNAL "ESTADO DE MINAS" NA COBERTURA DAS RELAÇÕES DE PODER EM TORNO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS (2013-2014)

Raul de Paiva Oliveira Castro¹

Resumo: Pretendemos discutir a questão da politização dos megaeventos esportivos no Brasil, entendidos sob um contexto ímpar vivenciado recentemente pela nossa República. Para tal, examinaremos por meio dos atuais estudos sobre a história social dos esportes os discursos político-ideológicos construídos pelo jornal "Estado de Minas" durante a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014), simultaneamente enquanto fonte e objeto de pesquisa. Concentramos a nossa análise em uma das cidades-sede dos jogos, Belo Horizonte, entendendo que a região revelou-se definitivamente para o mundo, seja por intermédio dos impactantes resultados presenciados dentro dos gramados, como também dos significativos acontecimentos extra-campo. Acreditamos, portanto, que os resultados obtidos nesse estudo exemplificam muito bem uma experiência histórica do Estado brasileiro de oferecer aos turistas aquilo que o próprio povo não tem. Ou seja, notam-se inúmeras permanências quando o assunto é a realização de grandes eventos pelas nossas Repúblicas, desde a sua fundação: têm-se a necessidade de projetar uma imagem positiva para o exterior, nem que para isso se sacrifique a população local. Todavia, quando se analisa o legado deixado por eles, percebe-se que continuamos a ser um país desorganizado e atrasado em inúmeras questões. Vale a pena salientar, ainda, como esses megaeventos esportivos encontram-se inseridos em uma cultura política singular do tempo presente, marcada por uma crise de representação como vimos nas manifestações em 2013. Por fim, evidenciaremos as diversas vertentes explicativas das relações de poder em torno do futebol, tendo em vista a sua imersão no capitalismo contemporâneo através da notória mercantilização e militarização dos torneios organizados pela FIFA.

Palavras-chave: Futebol. Megaeventos. Politização.

INTRODUÇÃO

Atualmente, tendo em vista a consolidação do campo de estudo da história dos esportes e a recente inserção do Brasil no circuito internacional de grandes eventos, intensificaram-se ainda mais as pesquisas acerca do fenômeno esportivo. Ampliaram-se igualmente os temas e abordagens de investigação, na medida em que podem revelar muito

¹ Graduado e mestrando em História pela Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: raulcastro13@hotmail.com.

sobre as práticas corporais. Logo, acreditamos que faz-se mister entender o futebol a partir das correlações políticas de cada época, por mais sutis que pareçam, e envolvendo atores que ainda são pouco explorados.

À vista disso, nos propomos a demonstrar neste pequeno texto como é possível a fruição da discussão política em torno do futebol a partir de outros meios, que não exclusivamente os institucionais. Optamos, então, pelos discursos promovidos pela grande imprensa mineira, selecionando o jornal *Estado de Minas* como fonte e objeto de pesquisa. Por se tratar de uma história do tempo presente, as possibilidades de fontes documentais primárias e secundárias são plenamente alcançáveis.

Em linhas gerais, o periódico traduz uma tendência histórica existente em Belo Horizonte de promover a cidade e projetá-la internacionalmente como um local atraente para se viver e visitar. Portanto, o debate em torno do cosmopolitismo da metrópole teve o seu ápice na realização dos chamados megaeventos esportivos de 2013 e 2014, isto é, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, respectivamente.

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: A RETÓRICA DO LEGADO

Primeiramente, é preciso deixar claro o que são os chamados "megaeventos", objeto de nossa análise sob a adjetivação de "esportivos". Em linhas gerais, tratam-se de momentos singulares nas trajetórias dos Estados nacionais, marcados por relações de dominação e protagonizados por agentes com interesses diversos. Inúmeras pesquisas têm se debruçado recentemente sobre o tema, principalmente no campo de estudos da história dos esportes, possibilitando-nos chegar a incipientes conclusões. Isso posto, esmiuçaremos nesse trabalho a seguinte definição esquemática, que sugere características comuns desses processos históricos, a saber:

1. As cidades são objeto fundamental do processo de acumulação de capital na globalização neoliberal e os megaeventos constituem momentos especiais, potencializados, desse processo.
2. Os países periféricos ou "emergentes" se apresentam, a partir dos últimos anos da década passada, como escolha preferencial para sediar grandes eventos esportivos (Broudehoux e Horne).
3. O Estado tem um papel central por meio da utilização do fundo público para o financiamento de obras monumentais, garantias de investimentos privados ou manejo das obras urbanísticas ou de licitação.
4. A estética do ambiente construído resultante - arquitetura e urbanismo do espetáculo -, segue as ideias de alienação diante do

fetichismo desenvolvidas por Guy Debord em seu clássico *Sociedade do Espetáculo*, escrito em 1967. Soma-se ao quadro a exploração de símbolos e imagens por meio do show midiático que tem alcance planetário.

5. Grandes operações imobiliárias acompanhadas de movimentos de gentrificação são parte integrante do quadro.

6. Segurança e vigilância são mercados novos que se ampliam nos megaeventos localizados em países periféricos.

7. O chamado "legado", que ficaria no país como herança positiva, tem mostrado muitos aspectos negativos nas experiências anteriores: obras monumentais que restam sem utilidade, serviços que fogem à prioridade social, dívidas enormes, valorização fundiária e consequente segregação, etc. As vantagens são mais baixas do que esperado.

8. Em geral, os orçamentos são subestimados e os projetos são iniciados sem desenhos executivos. Os custos são mais altos do que o esperado (MARICATO, 2014, p. 10-11).

É preciso reforçar, ainda, que tratam-se de eventos privados, organizados por uma entidade supranacional, a FIFA (Fédération Internationale de Football Association), com fins lucrativos e que necessitam minimamente de uma estrutura para acontecer (intervenção nas cidades, por exemplo). Posto isso, cabe salientar que a escolha do Brasil como sede ocorreu em 2007, momento considerado único para que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) conseguisse realizar um megaevento esportivo e consolidar de vez a posição do país como uma grande potência emergente.

É interessante destacar que posteriormente à escolha havia um apoio incondicional do povo com relação à Copa, revelado em pesquisas de opinião², motivado pelo ar de prosperidade e esperança que o país atravessava ("efeito China" e ampliação das políticas sociais). O que muitas vezes não foi dito, porém, é que a partir do momento em que os governantes aceitaram receber o Mundial tiveram que assinar uma Carta de Encargos, composta por exigências que, inclusive, violavam a Constituição Federal.

Vale lembrar, ainda, que naquele ano de 2007 aconteceriam os Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro e, em seguida (2009), a mesma cidade seria escolhida para receber os Jogos Olímpicos de 2016. Completava-se, assim, um ciclo importante para o Brasil, já que em

² Em uma pesquisa de opinião realizada pelo IBOPE Inteligência, em janeiro de 2011, contendo uma amostra de 2002 entrevistas (representativa da população brasileira com 16 anos ou mais) foi perguntado o seguinte: "O Brasil será a sede da próxima Copa do Mundo, que ocorrerá em 2014. De uma maneira geral, o (a) sr (a) está:". O resultado obtido foi expressivo: otimista (47%), nem otimista e nem pessimista (35%), muito otimista (8%), não sabe/não respondeu (5%), pessimista (4%), muito pessimista (1%). Dados divulgados no IV Congresso Latino Americano de Opinião Pública - WAPOR 2011, realizado em Belo Horizonte.

menos de uma década as atenções do mundo se voltariam totalmente para as competições aqui disputadas.

Não obstante, para legitimar o financiamento público de eventos privados recorrem-se a uma série de discursos, tais como o da identidade nacional e a retórica do legado. Nota-se, então, no que concerne à herança dos megaeventos esportivos, que elaboram-se explicações enaltecendo os frutos que serão colhidos por toda a sociedade com a sua realização. Sendo assim, destacam-se dois tipos: o legado tangível (aspectos fisicamente observados, como as obras de mobilidade urbana e as reformas de estádios) e o intangível (o que se projeta com a Copa: marketing das cidades, turismo, dentre outros, difíceis de mensurar empiricamente).

Acreditamos, portanto, que essas oportunidades históricas são encabeçadas pelo Estado, a fim de realizar algo que já deveria ter sido feito há mais tempo. Resumindo:

No primeiro ato, há empolgação, apresentação de projetos grandiosos, promessas de melhoria de vida da população em geral. No segundo, acende o sinal amarelo: há dificuldades de cumprir as metas e surgem rearranjos na programação. No terceiro, o final, há sempre prazos não cumpridos, orçamentos estourados e eventos que poderiam ter sido, mas nunca foram. De toda forma, sempre pareceu que "dava certo" (PELLI, 2014, p. 5).

Vale lembrar que esta foi a segunda vez que o país organizou uma Copa do Mundo, sendo que a primeira havia sido em 1950, e sabemos que muita coisa mudou nesses sessenta e quatro anos que se passaram. Vivemos contextos internos e externos bem diferentes daqueles, entretanto é possível estabelecermos ligações entre os dois períodos. Nesse sentido:

Parecem-nos familiares, entre outros, os atrasos nas obras para o evento; a oposição ao evento por parte de setores da opinião pública – repetia-se a pergunta: por que empenhar dinheiro público em um campeonato de futebol num país de analfabetos, com hospitais em condições lastimáveis? –; as invasões da torcida ao estádio; o emprego abusivo da força policial para dispersar a multidão; e a desorganização imperante no dia a dia dos jogos (HOLLANDA; MEDEIROS; BISSO, 2015, p.72).

Sendo assim, os interesses envolvidos nos projetos de candidatura do Brasil como sede, bem como os planejamentos mal elaborados, refletem continuidades muito fortes na nossa administração pública. Estudá-los é uma forma de entender porque ainda somos ineficientes na gestão, orçamento e execução da maioria dos planos de governo que se apresentam como inovadores, mas que na prática se refletem problemáticos e até mesmo catastróficos. De acordo com Rodrigo Elias:

Grandes eventos são realizados no Brasil unicamente por vontade de governantes ou de grupos econômicos muito poderosos - nos casos mais recentes, empreiteiras, conglomerados da mídia e entidades internacionais ligadas a práticas esportivas (estas últimas geralmente com enormes históricos de ilegalidades). Da primeira grande mostra da República, em 1908, à Copa de 2014, passando por demonstrações grandiloquentes de "civilização", como a exposição de 1922, a Copa de 1950, a ECO 92 e o Pan de 2007, o que se vê do outro lado da fatura, entoando um grito raramente ouvido, é o restante da sociedade: mulheres e homens que sentem diariamente a qualidade de vida nas cidades brasileiras piorar, com transportes caros e disfuncionais, sistemas de saúde e educação que não conseguem, a despeito dos crescentes gastos públicos, cumprir suas funções mais básicas (ELIAS, 2014, p. 4).

Notadamente, no caso específico que analisaremos, o poder público local sempre mostrou-se interessado em acompanhar de perto tais acontecimentos e promover a sua realização. No prefácio do livro *Belo Horizonte F. C. - trajetórias do futebol na capital mineira*, escrito pelo então prefeito de Belo Horizonte, Marcio Araujo Lacerda (PSB), enxergamos a estreita ligação entre futebol e política, manifestada no firme interesse de uma repercussão positiva que os megaeventos trariam para a cidade. Destacamos um trecho no qual fica explícito esse objetivo:

O esporte é, na sua essência, aos olhos do poder público, um passatempo produtivo, uma atividade educativa e formadora, uma interação saudável entre pessoas, um atrativo turístico, tudo isso com um fundo de ação cultural. Nesse sentido, é um pouco de lazer, educação, saúde, turismo e cultura. É um dos pontos vivos da sociedade, que fazemos questão de manter em voga, em movimento (LACERDA, 2013, p. 5).

Lacerda entende que o esporte bretão trata-se de "um dos pontos vivos da sociedade", na medida em que simboliza uma apropriação do espaço público e confere um significado especial ao viver na metrópole (mesmo discurso que será mobilizado pela juventude nas jornadas de junho). Percebemos que o lazer, na fala do prefeito, deve ser canalizado pela esfera pública, servindo de atrativo turístico e possibilitando o convívio da tolerância e das diversidades.

VEM PRA RUA OU VAI PRO ESTÁDIO? OS DILEMAS DA COPA DAS "MANIFESTAÇÕES" DE 2013

Após esse período preparatório, marcado pelas estratégias de convencimento, a Copa das Confederações de 2013 iniciou-se com uma forte crítica da sociedade aos gastos que fizeram com que vários setores fossem diretamente prejudicados.

As manifestações se tornaram o grande tópico da Copa das Confederações e, portanto, decidi analisar este tema com o auxílio das minhas observações. Percebi um sentimento de surpresa tanto entre meus colegas e amigos brasileiros, quanto alemães. As perguntas foram: Por que os brasileiros protestam, exatamente durante um torneio de futebol, que é o querido esporte nacional? Os brasileiros não gostam mais de futebol? Quais as reivindicações dos manifestantes? Elas são legítimas? Quais serão as consequências? O que vai acontecer na Copa do Mundo de 2014? Muitos amigos e colegas brasileiros se mostraram surpreendidos sobre as manifestações, porque acharam que os brasileiros não seriam um povo que se manifesta. "O brasileiro não sabe votar" e "O brasileiro não tem educação para cobrar dos políticos" seriam chavões típicos dessa percepção. Mas na verdade há historicamente muitas manifestações no Brasil. Podemos lembrar das manifestações pelas "Diretas já" de 1984 e dos "Caras Pintadas" levando ao impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992. Nesse sentido, as manifestações de 2013 seriam a terceira vez que por algum motivo assunto milhões de brasileiros foram levados às ruas ao longo de 30 anos (CURI, 2014, pp.6-7).

Inversamente ao otimismo visto em 2007, os cidadãos agora questionavam o desvio de recursos públicos de áreas como a saúde e a educação em detrimento da construção de grandiosos estádios. Isso ajuda a explicar as chamadas "jornadas de junho", que começaram em torno do Movimento Passe Livre, captando posteriormente outras insatisfações, fato que contribuiu para uma perda do sentido original e uma pulverização das manifestações. Em diversas ruas do país, milhares de pessoas, especialmente jovens, protestaram contra a realização da Copa, enquanto a grande mídia mineira se esforçou bastante na crítica às ações do governo federal.

Selecionamos cronologicamente três reportagens de colunistas que abordaram as manifestações e suas implicações no que tange à nação brasileira. Na primeira, datada de 19/06/2013, são apresentados depoimentos dos jogadores da Seleção Brasileira acerca dos protestos populares, fato muito interessante para percebermos o engajamento político, ou não, dessas figuras renomadas do futebol mundial.

Atualmente, muito se fala do distanciamento desses atletas em relação ao seu país, por atuarem desde cedo nos clubes estrangeiros mais ricos do mundo, motivando também um afastamento cada vez maior da sua identificação com o torcedor brasileiro. Isso porque no

passado os jogadores permaneciam mais tempo, ou toda sua carreira, nos clubes daqui e se esforçavam para estar na Seleção representando o seu país e, conseqüentemente, a equipe local que defendiam. Sendo assim, o torcedor sentia-se orgulhoso ao ver um membro do seu time entre os melhores, contribuindo sensivelmente para um maior envolvimento e empolgação nos jogos.

A recente globalização futebolística teria promovido, então, uma perda significativa daquele chamado "amor à camisa" que os jogadores demonstravam em relação à Seleção, bem como ao seu país, manifestado em posicionamentos críticos ou até mesmo atos de rebeldia durante a ditadura militar, por exemplo. Por isso, quando eclodiram os protestos populares em 2013 esperava-se que os comandados de Luiz Felipe Scolari opinassem a respeito, especialmente o grande astro da equipe, o atacante Neymar. Ele, porém, mostrou-se indiferente ao ser flagrado pela reportagem, preferindo se divertir com brincadeiras e preocupações banais.

Somente o técnico e o capitão, respectivamente, se pronunciaram timidamente a respeito, mais como uma forma de se esquivar das críticas do que marcarem algum tipo de apoio às manifestações. Em defesa de seus pupilos, Felipão comentou:

Os meus jogadores têm total liberdade para opinar, desde que tenham total responsabilidade pelo que falem. Acho que as manifestações são normais e os nossos atletas estão interessados e falam nisso porque essa alienação que colocam como comum entre os jogadores está deixando de existir (ESTADO DE MINAS, 19/06/2013, p. 3).

Já em um tom bem generalista e pouco combativo, David Luiz se pronunciou:

Sou um brasileiro que vive fora (em Londres), mas amo meu país. Sou a favor de uma manifestação pacífica. O cidadão tem direito. Basta o brasileiro estar unido e demonstrar aquilo que tem de melhor. O brasileiro é patriota, ama o país. Espero que possamos chegar a um consenso e ter um Brasil melhor no futuro (ESTADO DE MINAS, 19/06/2013, p. 3).

Contudo, ambos procuraram manter o foco nas questões dentro das quatro linhas, deixando para que as soluções extracampo fossem resolvidas pelas autoridades competentes. Desse modo, a fala de Felipão evidencia como o discurso da "corrente pra frente" em torno do futebol ainda está presente no imaginário das pessoas: "A Seleção é do povo. Somos do povo. Acho que estamos dando a eles aquilo que eles mais esperam de nós: que o time vá crescendo e possa representar o Brasil. Esse é nosso trabalho e é isso que estamos fazendo. Não temos interferência nas outras áreas" (ESTADO DE MINAS, 19/06/2013, p. 3).

Em outra reportagem, "Antigos símbolos, nova luta", do dia 21/06/2013, foi mostrado como a bandeira, o hino e as cores nacionais ressurgiram nas ruas como ferramentas de protesto, comprovado inclusive pelo aumento substancial na venda de artigos do gênero em comércios belo-horizontinos. Exemplificando:

Maria de Lourdes Andrade, sócia-proprietária da Arte de Presentear, loja no Shopping Oiapoque especializada em produtos para datas típicas, recheou as prateleiras com bandeiras, camisas, cornetas e bonés. Ela conta que de longe as bandeiras são o item mais procurado, já que, no campo ou nas ruas, o símbolo nacional reforça que a torcida é pelo Brasil. Variando de R\$ 3 a R\$ 25, o estoque precisou de reforço. "Acredito que estamos vendendo mais para o público das manifestações do que para os jogos", diz a empresária. Segundo ela, os apitos e cornetas que fazem barulho no estádio também estão mandando recado para o governo (ESTADO DE MINAS, 21/06/2013, p. 6).

Interessante notar, ainda, que tanto palavras de ordem usadas pelos opositores da ditadura militar ("O povo unido jamais será vencido"), quanto dizeres que serviram ao regime ("Verás que um filho teu não foge à luta"), foram mobilizadas nos cartazes da juventude de 2013, demonstrando um sentimento de comunalidade e deixando desorientados os analistas.

Por isso, o sociólogo Rudá Ricci, mestre em ciências políticas e doutor em ciências sociais, foi entrevistado pelo jornal *Estado de Minas* para elucidar tais questões. Ele acreditava que a valorização dos símbolos nacionais pela juventude não poderia ser interpretada apenas como um sentimento ufanista, mas sim reivindicações bem humoradas e irreverentes, características do povo brasileiro, de indivíduos conscientes das necessidades de mudança que o país precisava. Desse modo, Rudá entendia que os protestos não se alinhavam em um único ideal, sendo considerados uma "carnavalização da política". Em suas palavras: "Não podemos dizer que isso é nacionalismo. A verdade é que esses símbolos vêm sendo retomados em defesa do país, desde os caras-pintadas, multidão de jovens que tomou as ruas em defesa do impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo, em 1992" (ESTADO DE MINAS, 21/06/2013, p. 6).

Tal negação da existência de um nacionalismo forte e anterior aos megaeventos pôde ser atestada pelo fato de 70% dos manifestantes terem participado de um ato de ocupação do espaço público pela primeira vez e 84% deles não possuírem qualquer envolvimento partidário, segundo Pesquisa do Instituto Data Folha, apresentada na mesma reportagem.

A terceira matéria a ser analisada, "Eu sou brasileiro. Com muito amor", está intimamente relacionada à do dia anterior, no sentido de buscar entender essa juventude de

2013, porém sob um ponto de vista totalmente diferente. Enquanto observamos que Rudá Ricci enxergou nos protestos uma ocupação despreziosa do espaço público, em que muitos estudantes simplesmente participaram pelo fato de terem sido convidados por amigos, agora outro sociólogo, Juarez Dayrell, compreende que tal multidão não é fruto do acaso. O sentido é notoriamente outro: da dita "carnavalização da política" passa-se a uma "festa política de cidadania".

Em outras palavras: "o gigante pode até ter se levantado neste outono cívico, mas, na verdade, está acordado há muito mais tempo do que se imagina" (ESTADO DE MINAS, 22/06/2013, p.3). Utilizando-se de uma expressão tipicamente mineira, Dayrell caracterizou a explosão de cidadania das jornadas de junho como um "fogo no monturo", isto é, ninguém vê a chama, mas ela está lá embaixo do capim. Assim, o fogo surge lá adiante, finge que se apagou e volta com vistosa labareda.

Vale dizer que o professor Juarez Dayrell é o coordenador do Observatório da Juventude - programa de ensino, pesquisa e extensão da UFMG, que por alguns anos vêm se debruçando sobre a moçada do século XXI, e busca desconstruir uma imagem dessa geração associada à alienação, ao individualismo consumista e à indiferença em relação aos problemas sociais. É interessante expor a sua experiência no estudo da cidade de Belo Horizonte:

Há vários anos ele acompanha atentamente a movimentação dos jovens na Grande BH. Enumera a ação de coletivos voltados para diversas áreas de interesse. Há, por exemplo, o movimento Atingidos pela Copa, que contesta a ganância com megaeventos esportivos em detrimento dos setores básicos. As articulações pró-moradia, como a ocupação Dandara, entre outras. Fez sucesso a mobilização Praia da Estação, em que a rapaziada lutou contra as regras estipuladas pela Prefeitura de Belo Horizonte para a utilização de espaços públicos na capital, sobretudo a Praça Rui Barbosa. Há anos, rappers, artistas e estudantes se mobilizam em prol do Duelo de MCs, evento de hip-hop nacionalmente respeitado, que conquistou seu espaço embaixo do Viaduto de Santa Tereza em meio a conflitos com a polícia e as autoridades. Setores jovens de partidos também se articularam na capital (ESTADO DE MINAS, 22/06/2013, p. 6).

Percebe-se, então, que as redes sociais inauguraram um novo paradigma de tempo e ritmo muito mais velozes do que antigamente, mas apenas potencializaram algo que já existia de concreto, sendo consideradas o "coquetel molotov" dos nossos tempos. Outrossim, em suas pesquisas constataram que partidos, movimentos estudantis e sindicatos não atraem mais os jovens como antigamente. Isso porque essas estruturas são demasiadamente hierarquizadas, enquanto os chamados coletivos abrem caminhos para uma política mais horizontal. Ou seja:

Os indignados do século 21 fazem política de forma diferente de seus pais. Em vez da racionalidade dos militantes estudantis de outrora, estão presentes a festa e a afetividade – tão reprimida na militância política dos esquerdistas belo-horizontinos Dilma Rousseff, Fernando Pimentel e Marcio Lacerda (ESTADO DE MINAS, 22/06/2013, p. 6).

Destaca-se, ainda, a importância da reconquista da cidade feita por esses jovens, descobrindo praças, avenidas, viadutos e ruas antes não explorados. Também não é à toa que a mobilidade urbana foi o estopim das manifestações, bem como a irritação com a demarcação dos chamados "território FIFA", nas imediações do Mineirão, onde se limitava a circulação em dias de jogos. Por fim, cabe ressaltar uma ponderação feita por Euclides Couto a respeito do espaço urbano de BH:

Enquanto a cidade fetichizada dos negócios, dos espetáculos e do futebol ressignifica seus espaços e seus símbolos, a cidade real, dos torcedores anônimos, reluzentemente evidenciados pelas câmeras de domingo, contraditoriamente, se digladiava, de segunda a sexta-feira, na retranca intransponível dos congestionamentos, tais como o futebol, representantes alegóricos da metrópole. Se o interesse policlassista e multiétnico despertado pelo futebol brasileiro permitiu a essa prática alcançar um nível de desenvolvimento privilegiado, o mesmo não ocorreu com o espaço urbano belo-horizontino, onde significativa parcela de seus habitantes permanece virtualmente na linha do impedimento, que demarca o direito à cidade (COUTO, 2013, p. 41).

Logo, é importante ter em vista que as disputas em torno do futebol vão muito além dos acontecimentos dentro dos gramados. Extra-campo, o esporte possui essa capacidade de alterar a convivência no tecido urbano, no qual os detentores de capital interagem relativamente em condições de igualdade com os detentores de coerção, estabelecendo uma "coerção capitalizada".

Por fim, um último ponto tocado por Dayrell refere-se à questão do patriotismo. Para ele, é dever das escolas investir nas especificidades desses alunos da nova geração, preenchendo uma lacuna no cotidiano escolar: a fragilidade do sentimento de pertencimento à nação. Sendo assim, ele enxerga no retorno ao uso dos símbolos nacionais pela juventude, antes uma vergonha por ser associado à ditadura militar, um marco fundador de união, paixão, ação e história.

TEVE COPA SIM! O ESVAZIAMENTO DAS MANIFESTAÇÕES EM 2014

No ano seguinte ao evento-teste, havia um enorme temor do que seria a Copa do Mundo de 2014. Mais uma vez questionou-se a sua viabilidade, a forma com que as obras foram conduzidas e a ação do poder público. Ainda que menos impactante do que havia sido em 2013, principalmente graças à intensificação da repressão, discutiu-se o chamado "padrão FIFA", criticaram-se os exorbitantes R\$30 bilhões que foram gastos e potencializou-se o slogan: "Copa pra quem?".

À vista disso, selecionamos novamente de maneira cronológica três reportagens que tratavam das manifestações, ou melhor, do seu esvaziamento em 2014. Na primeira, de 08/06/2014, interessantemente intitulada: "#nãooupraruá", pessoas que participaram dos protestos em 2013 teriam decidido ficar em casa alegando compromissos particulares (estudo e trabalho), perda de sentido das pautas, medo dos conflitos entre policiais e manifestantes (algo extremamente alardeado pelas reportagens), ou simplesmente por não terem visto melhorias no país. A título de exemplo, citamos uma das entrevistadas pelo jornal que participou dos movimentos em 2013 e se mostrou profundamente decepcionada em 2014:

"Achei que era um bom momento para todo mundo se reunir e correr atrás de seus ideais. Eu queria apoiar essa batalha para conseguir melhorias para educação, saúde, transporte. Achei necessário fazer parte desse momento", lembra. "Mas não acho que valeu a pena ter ido. Tudo continua do mesmo jeito. A única coisa que mudou é que fiquei com essa cicatriz", lamenta (ESTADO DE MINAS, 08/06/2014, p. 25).

Já na segunda notícia, de 15/06/2014, o *Estado de Minas* salientava que as Forças Armadas não precisariam ser convocadas, visto que o clima era muito mais tranquilo do que o de 2013. Listando novamente os motivos para tal arrefecimento da população, o periódico ressaltou que as atitudes da polícia passaram a ser "apoiadas por todos", bem como a euforia do futebol teria contribuído sensivelmente para um desvio de atenções. Isso porque a expectativa das autoridades era de que à medida em que a Seleção Brasileira avançasse de fase, os protestos diminuíssem.

Vale destacar, então, que a truculência e a repressão policiais foram muito maiores em 2014 do que um ano antes, muito em função da pressão exercida pela FIFA cobrando maior rigor do governo federal no combate aos manifestantes. Tal postura ficou evidente na fala ríspida do presidente da entidade, Joseph Blatter, ainda em 2013:

O dirigente já avisou à presidente Dilma Roussef que não pode haver distúrbios semelhantes durante o Mundial. "A Fifa não pode ser responsabilizada pelas discrepâncias sociais que existem no Brasil",

afirmou. "Não somos nós (a Fifa) que temos que aprender com os protestos, mas sim os políticos brasileiros." Para o dirigente, as manifestações devem ser tratadas apenas como questões internas, sem interferir nas competições da Fifa. "Para mim, estes protestos soam como alarmes para o governo, para o Senado, o Congresso. Eles devem trabalhar nisso para evitar novos protestos", disse. "No entanto, os protestos, se pacíficos, são parte da democracia e devem ser aceitos (pelo governo). Estamos certos de que o governo, e principalmente a presidente, vai encontrar as palavras e as ações para prevenir novas manifestações. Eles têm um ano para resolver isso" (ESTADO DE MINAS, 18/07/2013, p. 6).

Assim, chegando em 2014, entendemos o discurso da presidente Dilma e seus ministros ao considerarem positivas as ações das PM's por todo o Brasil, ainda que tenha havido alguns excessos. Nota-se a necessidade de cumprir com o Caderno de Encargos da FIFA, nem que para isso fosse preciso utilizar artimanhas antidemocráticas. Por exemplo, no estado de Minas foi criada uma lei que proibia o uso de mascarados em manifestações, dentre outras medidas drásticas que criaram um pânico generalizado na população, restringindo seus direitos civis.

A terceira e última reportagem acerca desse esvaziamento dos protestos atribuiu a grupos minoritários de extrema esquerda a insistência nas reivindicações, não obtendo mais o apoio do conjunto da sociedade brasileira. Além disso, o ponto mais interessante foi com relação à identificação nacional em tempos de Mundiais, abordada pelo sociólogo Rudá Ricci:

a Copa do Mundo é a maior efeméride nacionalista do Brasil. "É o único momento em que as pessoas choram quando toca o Hino Nacional", afirma. Para o sociólogo, é muito difícil superar esse sentimento. Mesmo assim, ele identifica que as pesquisas apontam que a população permanece insegura em relação às conquistas sociais e também avalia que o governo gastou mais do que deveria com a Copa. "São dois sentimentos que correm em paralelo. A indignação e o sentimento em relação ao Mundial", explica (ESTADO DE MINAS, 22/06/2014, p. 10).

Após essa breve explanação sobre as imprecisões e obscuridades verificadas no discurso do jornal, corroboramos a tese de que:

No balanço final, a Copa do Mundo deixa a sensação ambígua. Por um lado, a catástrofe alardeada antes do evento não se concretiza. Por outro, em campo, a marca da decepção é estampada em um time sem controle emocional, sem entrosamento, sem ritmo de jogo e sem preparo técnico para enfrentar seleções do mesmo porte e da mesma tradição futebolística, como a alemã. Se no gramado a imagem do "país do futebol" sofre um grande abalo, fora dele a auto-representação da nação como país pacífico e do seu povo como

cordato e hospitaleiro também são postos em parêntesis. Os protestos populares e a relação dos brasileiros com os que vêm de fora, sobretudo com seus rivais vizinhos, dão uma mostra das debilidades da imagem ainda cultivada no Brasil. Enraizada no imaginário histórico-cultural do país, pode-se dizer que a suposta hospitalidade do brasileiro, seu acolhimento caloroso e indiscriminado, funciona como o mito de origem que os nativos contam sobre si mesmos, conforme gostava de dizer, nos idos dos anos 1970, o antropólogo Clifford Geertz (HOLLANDA; MEDEIROS; BISSO, 2015, p. 93).

Indubitavelmente, a Copa de 2014 foi a mais politizada de todos os tempos, de sorte que a maior parte da cobertura jornalística não se dedicou ao futebol, mas sobretudo às questões políticas, em determinados pontos estratégicos das cidades-sede. Segundo o *Estado de Minas*, porém, o que se viu na capital mineira foram dias que jamais serão esquecidos na memória dos torcedores, jogadores, dirigentes, repórteres, políticos, enfim, todos os personagens participantes do maior torneio esportivo do planeta. BH tornou-se, portanto, destaque em blogs, TV's, jornais e sites de várias partes do mundo. Cito a imensa repercussão das manifestações de 2013, ocorridas em todo o país, bem como as duas maiores tragédias do Mundial de 2014, "exclusividades" mineiras: a queda do viaduto na Avenida Pedro I, resultando em mortos e feridos, além da fatídica eliminação da Seleção Brasileira, dramatizada no Mineirão: derrota para a Alemanha na semifinal, pelo humilhante placar de 7 a 1.

Todavia, na contramão desse processo, o jornal *Estado de Minas* insistia em estampar manchetes que enaltescessem o espetáculo de congraçamento entre as nações, a saber: "Tous ensemble", "Anfitriã do mundo", "Babel de chuteiras", "Todo mundo gostou", etc. Destacamos, pois, dentre outras tantas reportagens, a seguinte citação: "Belo Horizonte tem acordado com *bon jour*, passa o dia ouvindo *muchas gracias* e vai deitar ao som de *good night*" (ESTADO DE MINAS, 28/06/2014, p. 22).

Vale a pena evidenciar, ainda, o comentário extremamente otimista pós-Mundial feito por Tiago Lacerda, filho do supracitado prefeito e nomeado pelo governador Antonio Anastasia na função de secretário extraordinário para a Copa em MG:

"A avaliação da Copa é muito positiva, em número de visitantes, ambiente e clima festivo. Tivemos várias avaliações positivas, de torcedores, turistas que não foram ao estádios, pessoas que trabalharam, da Fifa, do Comitê Organizador Local, das empresas que trabalharam com eles, jornalistas estrangeiros, principalmente daqueles que foram a outras sedes", afirmou o secretário de estado de Turismo e Esportes, Tiago Lacerda. Para os mineiros, foi uma

experiência inédita. "Esse intercâmbio é muito positivo, inclusive para a autoestima" (ESTADO DE MINAS, 16/07/2014, p. 15).

Posto isso, pode-se questionar o verdadeiro legado deixado pela Copa das Confederações e Copa do Mundo em BH, a partir das justificativas apresentadas pelos incentivadores das campanhas que levam um país a sediar tais competições. Na verdade, trata-se de uma falácia acreditar que haverá uma potencialização turística, dinamização de serviços e melhoria de transportes que contemplem todos os habitantes das cidades-sede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é preciso dizer que trabalhamos com uma noção renovada de história política, na tentativa de quebrar o exclusivismo do plano institucional. Segundo a atual corrente de pensamento, a política pode ser lida a partir de pequenos eventos, práticas sociais e outras atitudes diretivas em determinados contextos, que não aqueles ditos oficiais. Posto isso, acreditamos que só é possível entender o futebol a partir das correlações governamentais de cada época, medidas nos esforços de longa duração para capitanear a imagem da Seleção, por exemplo.

Sendo assim, avaliamos que o típico discurso ufanista que sempre permeou os noticiários às vésperas de Mundiais, parece não se encaixar mais no contexto pós-2013. O famoso "país do futebol", a "pátria de chuteiras", paradoxalmente utilizou de um evento esportivo para evidenciar suas contradições e gritar pro mundo inteiro que "o gigante acordou". De meros espectadores obedientes e pacíficos, tudo indica que os torcedores demonstraram sinais de mudança, e que merecem ser estudados com maior profundidade. O que fica disso tudo é a clara indicação da insatisfação de um povo que, apesar de ainda amar o futebol, começa a questionar e fiscalizar atentamente a forma como ele tem sido conduzido.

Todavia, observamos e sabemos que o universo esportivo, especialmente o futebol, ainda pode ser bastante explorado no que concerne a essas relações de poder, principalmente nesse período ímpar vivido pela nossa nação. Tais interesses e suas implicações simbólicas mereceriam um olhar mais atento das pesquisas que envolvem a historicidade das práticas corporais institucionalizadas, substancialmente em decorrência das aceleradas transformações que a representação política vem sofrendo no tempo presente.

REFERÊNCIAS

PERIÓDICOS DO JORNAL ESTADO DE MINAS. Disponível o acesso em: <http://buscaem.estaminas.com.br>.

COUTO, Euclides de Freitas. A cidade e o futebol: encontros e desencontros entre a bola e o tecido urbano belo-horizontino. In: OLIVEIRA, Leônidas José de (org.). **Belo Horizonte F. C. - trajetórias do futebol na capital mineira**. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura (Museu Histórico Abílio Barreto), 2013, p. 35-44.

CURI, Martin. Vem pra rua: as manifestações durante a Copa das Confederações 2013. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, p. 1-21, abr/2014.

ELIAS, Rodrigo. A imagem da capa. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 105, p. 4, jun/2014.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy; BISSO, Luigi. Hospitalidade à brasileira? A cobertura midiática dos jogos da Copa de 2014 no Maracanã. In: MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015, p. 57-94.

LACERDA, Marcio Araujo de. Prefácio. In: OLIVEIRA, Leônidas José de (org.). **Belo Horizonte F. C. - trajetórias do futebol na capital mineira**. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura (Museu Histórico Abílio Barreto), 2013, p. 5.

MARICATO, Erminia. Apresentação. In: SÁNCHEZ, Fernanda; BIENENSTEIN, Glauco; OLIVEIRA, Fabrício Leal de; NOVAIS, Pedro (orgs.). **A copa do mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências**. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 7-13.

PELLI, Ronaldo. Carta do editor. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 105, p. 5, jun/2014.